

# UMA DESCRIÇÃO DO GÊNERO EDITORIAL: UMA FERRAMENTA PRÉ-INTERVENÇÃO DIDÁTICA

Liége BÁCCARO

Prof. Eliana Merlin Deganutti de BARROS (Orientadora)

## RESUMO

Este trabalho é um recorte de nossa pesquisa monográfica realizada no Programa de Especialização em Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Londrina (UEL). É importante frisar que tal trabalho vem sendo realizado desde 2006, a partir da participação no projeto de pesquisa que hoje se intitula "Gêneros Textuais e ferramentas didáticas para o ensino de Língua Portuguesa", coordenado pela Prof. Dra. Elvira Lopes do Nascimento. Nosso principal objetivo está voltado à construção de ferramentas que possam auxiliar no processo de ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa, tendo como objeto os gêneros textuais, sendo que para tanto contamos com uma base teórica provinda dos estudos do grupo de Genebra, conhecida como Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Essa fundamentação teórica apresenta categorias de análise textual que permitem "mapear" as principais características (contextuais, discursivas, enunciativas, linguísticas e paralinguísticas) de um gênero a partir do estudo de um corpus - o chamado *modelo didático de gênero*. Pretendemos, para o momento, trazer uma síntese da descrição do gênero "editorial", objeto de nossa pesquisa, contribuindo, dessa forma, para o processo pré-intervenção didática.

Palavras-chave: gêneros textuais; editorial; processo pré-intervenção didática.

## **0. Introdução**

A efervescência de trabalhos e pesquisas que envolvem os gêneros textuais como objetos de ensino já não é novidade no meio educacional e acadêmico. Documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) trazem em seu bojo questões oriundas diretamente das concepções de Bakhtin (1992), e o tema vem sendo tão debatido que se levanta até a seguinte questão: seria a diversidade dos gêneros textuais no ensino um novo modismo? (RODRIGUES, 2002).

É certo que, embora as discussões sobre gêneros sejam abundantes, para grande parte dos professores de Língua Portuguesa de escolas públicas e privadas, e nos livros didáticos, essa ainda é uma questão nebulosa. De acordo com Rodrigues (2002), essa nova perspectiva e forma de tratar a linguagem permeia as ações de ensino-aprendizagem, mas ainda possui lacunas teórico-metodológicas no que diz respeito ao material de formação e apoio pedagógico.

Contudo, a concepção de gênero como ferramenta didática, como nova forma de se trabalhar a língua na escola, mantém-se, com o desenvolvimento de teorias e propostas acerca da aplicação efetiva dessa perspectiva dentro da escola. Isso porque já se constatou que a forma tradicionalista de se tratar a língua e o trabalho didático com a produção textual a partir da divisão triádica das tipologias – narração, dissertação e descrição – não dão conta de abordar as diferentes práticas sociais que se desenvolvem a partir da linguagem (RODRIGUES, 2002).

Estando inseridos nesta discussão, a partir de nossa participação no projeto de pesquisa “Gêneros Textuais e ferramentas didáticas para o ensino de Língua Portuguesa”, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), buscamos contribuir para o desenrolar dessa questão e o desenvolvimento de formas concretas de abordar o gênero na sala de aula

de Língua Portuguesa. Por meio do construto teórico do interacionismo sociodiscursivo (ISD) e, principalmente, das propostas teórico-metodológicas de Bronckart (2003) para a análise dos gêneros, buscamos construir um *modelo teórico*<sup>519</sup> do gênero *editorial*. Trazemos, neste trabalho, um resumo dos resultados encontrados acerca das categorias de estudo propostas pelo ISD, buscando colaborar para a caracterização desse gênero jornalístico opinativo, e para um aprofundamento das discussões concernentes ao discurso argumentativo.

## **1. Fundamentação teórica**

Como dito anteriormente, as bases epistemológicas de nossa pesquisa fundamentam-se principalmente no ISD, proposto pelo Grupo de Genebra. O ISD insere-se na tradição do interacionismo social que provem de Vygotsky, Marx e Spinoza, interessando-se principalmente pela relação da linguagem com o desenvolvimento do pensamento, da consciência e do ser humano como um todo, e também pelo papel que as intervenções sociais têm nesse desenvolvimento (NASCIMENTO & SAITO, 2007).

Contudo, vale destacar que Bronckart (2006) coloca o ISD não como uma corrente principalmente linguística e psicológica, e sim como uma *“corrente da ciência do humano, cuja problemática central está no desvendamento das atividades languageiras”* (BRONCKART, 2006, p.6). O autor deixa claro que o posicionamento do ISD pressupõe *“o caráter indissociável dos processos de organização social das atividades, de regulação dessas atividades pela linguagem e de desenvolvimento das capacidades cognitivas humanas”* (BRONCKART, 2006, p.126).

Sendo assim, dentro dessa visão seria impossível não considerar que os inúmeros tipos de atividades de linguagem realizadas pela

---

<sup>519</sup> Tal termo será melhor exposto e explicado em um tópico posterior.

sociedade e as diversas esferas sociais que podem regular tais atividades não produzam **modelos de realização** de textos empíricos, que servem às ações de linguagem particulares, feitas pelos indivíduos, a partir da ativação dos recursos disponíveis em uma língua natural. Esses modelos, determinados sócio-historicamente, são os chamados **gêneros textuais**, ou, utilizando-se do termo bakhtiniano, gêneros do discurso.

Os gêneros textuais, dessa forma, são um fator de grande interesse do ISD, a partir do qual toda a proposta metodológica dessa linha de pesquisa desenvolve-se. Em seu livro *Atividade de Linguagem, Textos e Discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*, Bronckart (2003) apresenta-nos uma proposta para análise de textos que se enquadra na noção de gêneros com maestria, procurando uma forma de caracterizá-los e classificá-los em sua diversidade. E nesse aspecto do ISD que iremos nos focar, a seguir.

## **2. O modelo didático versus modelo teórico do gênero**

Após realizar pesquisas empíricas com centenas de exemplares de textos, Bronckart apresentou uma metodologia de análise que foi utilizada por outros pesquisadores da didática das línguas, como Schneuwly e Dolz, como base para o desenvolvimento e a construção de **modelos didáticos de gênero**. Nas palavras de Machado (2006, p.556), os estudiosos da Universidade de Genebra postulam que “para que os objetivos de ensino-aprendizagem de gêneros possam ser atingidos, as práticas escolares de produção textual devem ser norteadas pelo que chamam de modelo didático do gênero”.

E no que consiste, afinal, o modelo didático de gênero? Machado (2006) coloca que tais modelos são instrumentos que permitem facilitar a aprendizagem e a apreensão de um determinado gênero, tarefa nem sempre fácil, sendo que a construção de modelos didáticos permite a

visualização das características principais de um gênero e de suas dimensões ensináveis, adequadas a um determinado nível de ensino.

Sendo assim, as etapas propostas por Bronckart (2003), Schneuwly e Dolz (2001), juntamente a algumas considerações de Nascimento (2005) e Machado (2006) para a construção deste modelo seriam:

- a) A coleta de um *corpus* representativo de um gênero (editorial, artigo de opinião, histórias em quadrinhos, etc.) para a realização da análise;
- b) O estudo das características de tal gênero de acordo com a opinião de especialistas e *experts* em linguística ou outra área que abranja a esfera social de atuação de tal gênero (como o jornalismo no caso do editorial);
- c) A análise das representações do **contexto de produção** de tal gênero (quem é o emissor, em que papel social se encontra, a quem se dirige, em que papel se encontra o receptor, em que local é produzido, em qual instituição social se produz e circula, em que momento, em qual suporte, com qual objetivo, em que tipo de linguagem, qual é a atividade não verbal a que se relaciona, qual é o valor social que lhe é atribuído, etc.);
- d) A análise das três camadas que Bronckart (2003) denomina de **folhado textual**, a saber: i) a infraestrutura geral do texto, que abrange seu plano textual global (estrutura composicional que mais comumente organiza seus conteúdos), seus tipos de discurso e tipos de sequência; ii) os mecanismos de textualização do texto, que abrangem suas estratégias de conexão e coesão nominal e verbal; iii) os mecanismos enunciativos do texto, que concernem à inserção de diferentes vozes e modalizadores neste;

- e) Além disso, é necessário analisar quais são as capacidades e as dificuldades dos alunos ao trabalharem com textos pertencentes ao gênero escolhido (pois a construção do modelo didático seria a primeira etapa da transposição didática de tal gênero para um contexto escolar, ao qual o modelo precisaria ser adaptado).

Este foi o procedimento – com apenas uma ressalva - realizado nessa pesquisa em relação ao gênero editorial, e cujos resultados apresentaremos neste artigo de forma condensada. No entanto, cabe aqui enfatizar que adotamos uma perspectiva um pouco diferente do modelo didático de gênero. Nas palavras de Machado (2006) que destacamos acima, fala-se de um modelo didático de gênero, talhado para atender um determinado contexto de ensino, que vai, de certa forma, definir parâmetros para a construção de tal modelo. Em nosso caso, preferimos adotar o conceito de *modelo teórico do gênero* (BARROS, 2010).

O conceito de modelo teórico pressupõe a construção de um modelo textual a partir dos mesmos procedimentos descritos por Bronckart (2003), porém, sem levar em consideração algum contexto de ensino específico, ou seja, ele é elaborado desvinculado de uma situação escolar específica, como ferramenta para um posterior processo de transposição didática, no qual ele será fruto de adaptações (BARROS, 2010). A diferenciação entre modelo didático e modelo teórico reside no fato de que o modelo didático precisa levar em consideração as capacidades de linguagem de um público-alvo de alunos em relação à prática de linguagem de referência; já o modelo teórico é feito de maneira genérica, podendo ser utilizado como ponto de partida para o processo de transposição didática em diferenciados contextos de ensino/aprendizagem, cujo eixo central seja a apropriação do gênero tomado como objeto pelo modelo:

[...] acreditamos que o modelo do gênero pode ser visto, a priori, apenas *teoricamente*, isto é, sua construção não necessitaria levar em conta as capacidades dos alunos nem as particularidades do contexto de ensino, ele pode ser elaborado, a princípio, de forma genérica e servir como base teórica para a elaboração de diversas SD [sequências didáticas] – estas, sim, precisam ser adaptadas a um contexto de ensino específico, uma vez que se configuram em ferramentas didáticas que possibilitam a transposição do conhecimento teórico de um gênero para o conhecimento a ser ensinado. Esse tipo de modelo, que denominamos *modelo teórico do gênero*, vem sendo elaborado por vários pesquisadores que, ao descrever os conhecimentos subjacentes aos mais variados gêneros, elaboram uma ferramenta fundamentalmente teórica (primeiro nível da transposição didática), cujo objetivo é servir de base para um processo posterior de transposição didática [...]. (BARROS, 2010, p.5).

Sendo assim, acreditamos também que, antes de realizar qualquer atividade em um âmbito escolar com base em um gênero, é necessário conhecer a fundo suas características e descrevê-lo primeiramente de forma *teórica*, para que depois se parta para um procedimento verdadeiramente didático, no qual tais informações serão transpostas para um contexto específico por meio de *sequências didáticas*<sup>520</sup> (SCHNEUWLY; DOLZ, 2001) diferenciadas e adequadas a cada situação de ensino. Esta é a concepção adotada nesse artigo e nessa etapa de nossa pesquisa com o gênero jornalístico *editorial*.

---

<sup>520</sup> As sequências didáticas (SCHNEUWLY E DOLZ, 2001) são procedimentos que fazem parte da vertente didática do ISD, consistindo em conjuntos de atividades – as oficinas – feitas para serem aplicadas em sala de aula visando à apreensão de um gênero por parte dos alunos.

### 3. O corpus da pesquisa

Antes de partirmos para qualquer outra consideração sobre a pesquisa em voga, acreditamos que seja interessante e necessário apresentar o *corpus* que foi utilizado para a construção do modelo teórico de gênero que descrevemos. Assim que foi definido que nosso trabalho se centraria no editorial, passamos à coleta de exemplares do gênero, e chegou-se, por fim, à escolha de dez editoriais do jornal *Folha de Londrina*, publicados entre os dias 1 a 10 de julho de 2008. O jornal foi escolhido por possuir alta circulação na cidade de Londrina e no próprio estado do Paraná, sendo bastante consolidado na região.

	<b>Título do editorial</b>	<b>Tema</b>	<b>Data</b>
<b>Texto 1</b>	"Estreito limite entre rigidez e democracia"	Política	01-07-08
<b>Texto 2</b>	"Problemática decisão sobre engraxates"	Cidadania-Leis	02-07-08
<b>Texto 3</b>	"A decisão do STJ contra abusos de juro"	Cidadania-Leis	03-07-08
<b>Texto 4</b>	"Quem vai dirigir não deve beber"	Cidadania-Leis	04-07-08
<b>Texto 5</b>	"Falta de bom senso no reajuste de preços"	Economia-Cidadania	05-07-08
<b>Texto 6</b>	"Espera-se que altas cortes barrem os ficha sujas"	Política-Leis	06-07-08
<b>Texto 7</b>	"Boas coisas com que pessoas também se ocupam"	Cidadania e Bem-Estar	07-07-08
<b>Texto 8</b>	"O mutirão da OAB para desafogar presídios"	Cidadania - Leis	08-07-08
<b>Texto 9</b>	"Estrada péssima e abusos com veículos"	Cidadania	09-07-08
<b>Texto 10</b>	"Colocando sementes de música"	Cultura e Música	10-07-08

**QUADRO 1 – O corpus da pesquisa**



O editorial é um texto bastante complexo por lidar com assuntos de grande repercussão no momento em que é publicado, representando a opinião do jornal (por isso não conta com uma assinatura). Na época da coleta de nossos textos, os grandes temas de destaque nos jornais escolhidos eram: as eleições para prefeito na cidade de Londrina; a “lei seca” que praticamente vetava o consumo de álcool quando se vai dirigir; e eventos que movimentavam a cidade, como o IMIN 100, comemoração dos cem anos da imigração japonesa no Brasil, e o Festival Internacional de Música de Londrina. Isso se refletia nos editoriais, que tratavam frequentemente dos mesmos assuntos, principalmente no que diz respeito às eleições.

Sendo assim, é importante ressaltar que há um diálogo deste gênero com o jornal, que veicula notícias e fatos, e, por meio do editorial, posiciona-se em relação a eles, em especial àqueles que provavelmente quer destacar como mais importantes. Por isso, a presença quase unânime de assuntos relacionados com política e cidadania nos textos coletados, que geralmente são vistos como de grande relevância dentro do jornal e que não deixam de ser discutidos dentro do editorial. Temas mais leves, como bem-estar e eventos, aparecem mais raramente nos editoriais, mas intercalam-se entre aqueles que tratam de assuntos mais polêmicos ou pesados, trazendo até um caráter de diversidade ao jornal.

Um fator interessante sobre o *corpus* é que o editorial da *Folha de Londrina* costuma trazer vários depoimentos e opiniões de pessoas que não compõem a equipe do jornal, como advogados, especialistas em diversos assuntos e habitantes da cidade. Acreditamos que isso figura-se como uma tentativa de estabelecer um diálogo com o público do jornal (evocando aí o dialogismo e a polifonia de Bakhtin) e embasar os argumentos do editorial trazendo diferentes perspectivas ou mesmo “argumentos de autoridade”. Bronckart (2003) dedica-se à análise das vozes que compõem os gêneros em sua proposta de modelização dos

gêneros, o que se encaixa perfeitamente a esta concepção, mas o resultado das análises feitas será todo deixado para o tópico dedicado a este fim.

#### **4. O discurso argumentativo**

O discurso argumentativo merece um destaque neste momento por nossa pesquisa tratar de um gênero opinativo; no entanto, a importância do estudo das estratégias argumentativas ultrapassa esse âmbito, pois não seria exagero dizer que tal discurso está presente em nossas vidas diariamente. Por meio dele, estabelecemos contratos e construímos relações, persuadimos e somos persuadidos, justificamos nossas ações e opiniões, assim como coloca Faria (2002, p.85):

Hoje já se sabe que a argumentação é parte substancial da experiência cotidiana de qualquer indivíduo. Diariamente, apresentamos justificativas para nossas ações, em defesa de nossas ideias no trabalho, na família, na comunidade. Somos constantemente questionados a respeito de tudo: política, educação, moda, lazer, etc.

Desde muito cedo, já somos levados a argumentar a favor de nossos desejos e vontades (como por exemplo, quando uma criança fala das razões pelas quais quer ir ao parque, ao cinema, etc.), a dar explicações para nossas atitudes e comportamentos, e também procuramos rebater argumentos alheios e restrições provindas das pessoas com quem convivemos, como pais e professores (FARIA, 2002). Sendo assim, a argumentação faz parte de nossas vidas desde a mais tenra das idades.

Contudo, Erduran et al (2004) colocam que existe grande importância na existência de um ensino deliberado em relação ao discurso argumentativo nas escolas, já que o aprendizado do saber e fazer

científico está intimamente ligado ao sustento do discurso por meio da argumentação. O discurso argumentativo envolve, basicamente, a tomada de uma posição ou ponto de vista em torno de um determinado assunto e o uso de argumentos e contra-argumentos que o embasem, para que se chegue a uma conclusão favorável (FARIA, 2002). Por isso sua importância para discussões que envolvam teorias ou saberes científicos; para além disso, acreditamos na importância da apropriação do discurso argumentativo para a formação de cidadãos participativos e mais críticos.

Dessa forma, embora nosso modelo didático de gênero seja, neste momento de nossa pesquisa, *teórico*, reforçamos aqui a importância de trabalhos que contemplem gêneros argumentativos como forma de embasar ações pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da argumentação nas salas de aulas.

## **5. O modelo teórico: uma síntese**

Após nossas breves considerações sobre como se deu esta pesquisa e sobre o discurso argumentativo como um todo, cabe-nos trazer um panorama global sobre as regularidades encontradas nos textos do nosso *corpus*. Contudo, aqui é importante trazer à tona as palavras de Bronckart (2003, p.78):

[...] é necessário admitir que, devido a heterogeneidade e à perpétua mobilidade das produções textuais, ainda não existe nenhum procedimento que permita assegurar, *a priori*, esse caráter de representatividade de um *corpus* de texto, qualquer que seja sua amplitude.

Ou seja, embora procuremos nessa pesquisa representar o gênero editorial, é necessário manter a consciência de que essa representação não é senão parcial, um recorte do gênero em um

momento e situação de produção específicos. No entanto, acreditamos que as informações coletadas por meio de nosso estudo servirão como base para definir categorias de análise e parâmetros de comparação em relação ao gênero.

Reforçamos novamente que todas as variáveis avaliadas em nosso *corpus* de textos tiveram como alicerce principal o interacionismo sociodiscursivo de Bronckart (2003). Sendo assim, a síntese que buscamos realizar nesse momento diz respeito às categorias do ISD e os resultados encontrados em relação a elas.

Em relação ao **contexto de produção** do editorial da *Folha de Londrina*, tiramos como principal conclusão que os textos estudados têm como temas principais assuntos como política, cidadania e economia. Além disso, o editorial é um texto de grande importância por representar o ponto de vista da *Folha de Londrina* e dos órgãos que fazem parte de sua produção sobre as notícias de maior importância ou destaque veiculado pelo próprio jornal, ou seja, há um diálogo constante entre o que é noticiado e o conteúdo do editorial. Dessa forma, a *Folha de Londrina* transforma-se no **enunciador** de seus editoriais, e tem como público-alvo de tal texto leitores mais cultos e de faixa etária mais alta (de acordo com informações coletadas no *site* <sup>521</sup>do jornal). É interessante também destacar que, embora a maioria dos assuntos tratados pelo editorial abranja fatos de importância nacional, sendo que a *Folha* é distribuída para cidades em diferentes regiões do país, acontecimentos locais da cidade Londrina também figuram com certa frequência nos editoriais.

Quanto à **infraestrutura textual** do editorial, podemos dizer que ele possui um **plano textual global** bem definido, apresentando-se sempre da mesma maneira – a página editorial tem sempre a mesma configuração, e o texto apresenta-se logo no início do caderno “Opinião”,

---

<sup>521</sup> [www.folhadelondrina.com.br](http://www.folhadelondrina.com.br)

servindo como abertura do jornal. O texto não apresenta figuras ou cores, dando ao editorial um aspecto mais “sóbrio” e sério, e seu subtítulo sempre parece evidenciar a premissa que está sendo defendida no texto.

No que diz respeito aos **tipos de discurso**, encontramos uma predominância de um tipo de discurso da ordem do EXPOR, o *misto interativo-teórico*, já que, embora o editorial busque expor fatos, sua estrutura argumentativa muitas vezes parece “buscar” uma atitude de resposta do leitor, querendo envolvê-lo no questionamento proposto pelo texto, e, por fim, também persuadi-lo de seu ponto de vista.

Em relação aos **tipos de sequência** encontradas no editorial, pode-se afirmar que a sequência argumentativa é a base de todos os textos analisados, sendo que entre suas fases – premissa/argumentos/contra-argumentos/conclusão – encontram-se várias *esquematizações* – relatos, descrições, explanações – que buscam embasar os argumentos do editorial e, basicamente, reforçar a premissa principal que nele está sendo defendida.

No âmbito dos **mecanismos de textualização**, as regularidades encontradas acerca dos procedimentos de **conexão** relacionados ao **balizamento** apontam para a função de articulação entre fases da sequência argumentativa e para o estabelecimento de relações de refutação e justificativa dentro das fases de contra-argumento e argumentos, respectivamente. Isso se deve ao fato de que, quando traz um contra-argumento, o sujeito-produtor do editorial refuta-o para reforçar sua tese, e quando traz um argumento pró-tese, procura justificá-lo por meio de novos argumentos e esquematizações. Tais funções são comumente realizadas, nos editoriais analisados, por advérbios e conjunções.

Quanto aos mecanismos de **coesão nominal**, podemos perceber a grande quantidade de anáforas realizadas a partir de diversas unidades-fonte, que geralmente são personagens ou temas importantes para o desenvolvimento do conteúdo temático do editorial. O número elevado de anáforas também se justifica pela extensão dos textos e pela complexidade de seus temas, pois muitas vezes percebe-se a necessidade de serem criadas nos editoriais diversas cadeias anafóricas relacionadas a diferentes aspectos do conteúdo debatido. As anáforas com função de sumarização também são destaques nos textos analisados, pois no início de cada argumento ou de outra fase da sequência, o sujeito-produtor do editorial vê-se compelido a resumir o que colocou anteriormente.

Acerca dos **mecanismos enunciativos** do editorial, podemos perceber uma grande quantidade de **vozes** de personagens e sociais em nossos *corpus*, o que se justifica pelo caráter social e ideológico do gênero, já que este procura debater fatos e assuntos de importância no momento em que é veiculado, e para isso lança mão de argumentos de autoridade, da opinião de cidadãos comuns e das vozes de órgãos e instituições sociais. Além disso, é interessante dizer que a voz do autor jamais aparece interferindo no texto, o que também pode ser justificado pelo objetivo do editorial de retratar a opinião do jornal, e não de um sujeito particular.

Por fim, em relação às **modalizações**, pode-se perceber que praticamente todos os textos contam com os quatro tipos de mecanismos de modalização propostos por Bronckart (2003) - lógicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas; relacionadas respectivamente com avaliações sobre o mundo objetivo, o mundo social, o mundo subjetivo e questões relativas à responsabilidade -, pois o enunciador/expositor, ao argumentar, geralmente traz avaliações e posiciona-se em relação ao conteúdo temático do editorial, atribuindo deveres a certos personagens, julgando acontecimentos como positivos ou negativos, atestando fatos como

verdadeiros ou duvidosos e estipulando regras de conduta social (inclusive ao leitor). Os editoriais que não trazem tantas modalizações são aqueles que tratam de temas mais leves, como eventos culturais e bem-estar.

## **6. Considerações Finais**

Esperamos, com a construção deste modelo teórico de gênero, poder contribuir para a caracterização do gênero *editorial* e para o uso posterior deste estudo na construção de uma ou mais sequências didáticas (SCHNEUWLY; DOLZ, 2001). Como já foi dito anteriormente, acreditamos que, antes que se faça um trabalho didático com qualquer gênero e se leve a teoria do ISD ao contexto escolar, é necessário que se conheça ambos – tanto as características principais do gênero quanto a teoria em questão – e para isso, cremos no modelo teórico como forte aliado do professores em serviço, pré-serviço e formadores em geral.

## Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. Formação do professor e gêneros textuais: o momento pré-intervenção didática. COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS – CELLI. **Anais...** (no prelo), 2010.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 2003.

\_\_\_\_\_. Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Jean-Paul Bronckart. In: Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL. Ano 4, n. 6, março de 2006(a) (entrevistadora: Anna Rachel Machado). Disponível em: <[http://paginas.terra.com.br/educacao/revel/edicoes/num\\_6/entrevista\\_bronckart](http://paginas.terra.com.br/educacao/revel/edicoes/num_6/entrevista_bronckart)>. Acesso em: 15 Ago. 2009.

ERDURAN, S.; SIMON, S.; OSBORNE, J. TAPping into Argumentation: Developments in the Application of Toulmin's Argument Pattern for Studying Science Discourse. **Wiley Interscience**, out. 2004.

FARIA, E. M. B. Argumentação Oral Infantil: uma atividade co-produtiva. In: **Conceitos** (João Pessoa), UFPB, v. 05, n. 08, p. 85-89, 2002.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. A construção de modelos didáticos de gênero: aportes e questionamentos para o ensino de gênero. In: **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603/09.htm>>. Acesso em 25 Ago. 2009.

NASCIMENTO, Elvira Lopes. SAITO, Claudia Lopes Nascimento. **Gêneros Textuais: instrumentos para práticas de linguagem e de letramento na rede nacional de formação continuada de professores da educação básica – EAD**. In: **Anais do 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais**, Tubarão-SC, 2007. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/50.pdf>>. Acesso em 20 set. 2009. Acesso em 30 jul. 2010.

\_\_\_\_\_. Gêneros Textuais e Formação de Professores: Sequência Didática para o Ensino de Produção de Texto. In: **Gêneros Textuais: teoria e prática II**. CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes (Orgs). Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.



RODRIGUES, Bernadete Biasi. A diversidade dos gêneros textuais no ensino: um novo modismo? In: **PERSPECTIVA**, Florianópolis – SC, v.20, n.01, p.49-64, jan./jun. 2002,. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10367/9675>>. Acesso em 25 Jul. 2010.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Helena Rodrigues Rojo e Glaís Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.